

Rolê na cidade: o rolimã enquanto prática de resistência, disputa e legitimidade¹

Luciano Silveira Coelho (UEMG/Brasil)

Palavras-chave: Espaço urbano; Marginalização; Identidade.

Introdução

Este texto discute aspectos estruturantes da prática do carrinho de rolimã, com base em uma etnografia realizada na região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) entre 2019 e 2022. Apresento o contexto de pesquisa e recupero, por meio de entrevistas, conversas informais, registros documentais e eletrônicos, a história deste movimento ocorrido na última década que se constitui a partir de uma série de iniciativas e eventos relacionados à prática do rolimã na RMBH.

O termo “movimento”, apesar de ter sido empregado pontualmente por algumas pessoas que atuam nas organizações de agremiações e equipes de rolimã, não apresentou uma ampla recorrência a ponto de ser considerado um termo nativo, mas é aqui utilizado para descrever um conjunto de ações e eventos com características e nomenclaturas próprias (ex.: encontro, mundialito, festival, rolê, corujão, gp, entre outros) relacionados à prática do rolimã. Ingold (2015) explora a noção de movimento como processo pelo qual nós conhecemos o mundo. Tal como peregrinos, vivemos a partir de um contínuo e imbricado movimento que deixa rastros, trilhas e histórias que se cruzam, atam nós e conformam a malha de um mundo essencialmente habitado (Ingold, 2015). Assim, o termo movimento se materializa nesse trabalho a partir de um emaranhado de caminhos percorridos e memórias entrecortadas de pessoas que compartilham uma prática difusa e polissêmica.

As primeiras impressões indicavam que o movimento do rolimã na RMBH se tratava de uma ação ampla, coesa e coordenada de um grupo de pessoas em torno de um mesmo propósito. Com a permanência prolongada em campo, de perto e de dentro (Magnani, 2002), esse entendimento tomou outros contornos. O que descrevo adiante é um fenômeno controverso, dotado de alianças, conchavos, disputas e boicotes, onde o

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

rolimã é o único elemento em comum entre tais grupos, que se distinguem pelos sentidos e significados atribuídos a tal prática.

Cronologicamente esse movimento tem suas origens em um projeto denominado “Mundialito de Rolimã do Abacate” desenvolvido por um grupo de organização colaborativa de Belo Horizonte, coordenado por Daniel². Esse evento iniciou em 2012, na Rua Magi Salomon, no Bairro Salgado Filho, e passou a ter uma agenda anual. Nas duas primeiras edições contou apenas com a etapa do campeonato propriamente dito, dividido em provas de velocidade e estilo.

Em 2013, Tarcísio tomou conhecimento do “Mundialito de Rolimã do Abacate” e resolveu experimentar essa prática na esplanada do estádio de futebol Governador Magalhães Pinto, conhecido como “Mineirão”. Alguns meses depois, descobriu que outro grupo, composto basicamente pelos familiares de um senhor chamado Augusto, andava de rolimã na esplanada aos domingos. Eles resolveram se unir e passaram a realizar os “encontros” de carrinho de rolimã todas as terças à noite, como acontece até hoje. Apesar de a ideia inicial ter surgido com Tarcísio e Augusto, o “encontro” de rolimã do Mineirão é o que possui maior regularidade e um dos mais duradouros no cenário da RMBH. Com dinâmicas próprias, sua divulgação é feita “boca a boca” e, principalmente, pelas redes sociais digitais de seus frequentadores. Esse grupo se organiza em torno de uma promoção da prática do rolimã por meio de “encontros”, termo nativo designado a eventos com viés essencialmente lúdico, onde a participação de crianças e aprendizes³ é sempre incentivada.

Em janeiro de 2017, uma derivação do grupo “Rolimã das Gerais” foi criada. Denominado “Rolimã BH Minas”, tal grupo passou a se organizar de forma independente com agenda e eventos próprios, mas com a mesma estratégia de organização e divulgação através de redes sociais virtuais. No Facebook, algumas equipes e pilotos migraram para o grupo dissidente e, algumas poucas, permaneceram em ambos. Equipes novas surgiram e passaram a integrar essa nova agremiação. Em

² Para preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa os nomes atribuídos às pessoas são fictícios. Entretanto, os nomes dos locais, grupos e equipes foram mantidos para viabilizar a constatação dos logradouros, eventos e fatos disponibilizados nas redes sociais virtuais e internet.

³ O termo “aprendiz” é aqui utilizado em substituição a vocábulos análogos como “novato” ou “iniciante”. Trata-se de um conceito adotado por Lave (2015), traduzido do termo “learners”, que parte do entendimento que o “aprendiz” não é alguém que não sabe e que aprende com alguém que sabe. Ao invés disso, os aprendizes são sujeitos que estão engajados em aprender o que eles já estão fazendo, em um processo multifacetado, contraditório e iterativo. Além disso, os “aprendizes” são indivíduos que não se resumem a essa condição, pois estão sempre engajados em práticas cotidianas em múltiplos contextos, interagindo em diferentes modos uns com os outros.

outubro de 2017, criaram um grupo de WhatsApp, que atualmente possui mais de 100 pessoas de diferentes cidades e estados. Com restrições bem definidas no teor das mensagens, permite apenas assuntos relacionados ao rolimã, com ênfase na organização de treinos e campeonatos. Esse grupo conta com a presença de inúmeras equipes de competição que estão sempre discutindo regulamentos e padronização de regras para os eventos. O volume de mensagens diárias nesse grupo é intenso, na ordem das centenas. O “Rolimã BH Minas” estabelece uma distinção bem clara em relação ao “Rolimã das Gerais”, com um intercâmbio maior com pessoas de outros estados e um propósito estritamente competitivo, com ênfase na promoção de uma prática competitiva do rolimã. Dessa forma, a maioria dos eventos organizados por esse grupo são caracterizados como “rolê” e “gp”, realizados em locais ermos, com declives longos e acentuados, favorecendo a presença de pilotos com maior experiência.

É importante recuperar que, em um espectro temporal de agremiações e eventos relacionados ao rolimã, a última década foi marcada por alianças, rompimentos e disputas. A primeira tentativa de aliança foi entre o grupo “Rolimã das Gerais” e os organizadores do “Mundialito de Rolimã do Abacate”. O grupo que organizava os “encontros” do Mineirão possuía um grande volume de adeptos e o evento do bairro Salgado Filho, uma notável repercussão nas mídias televisivas. A união desses grupos parecia inevitável, mas não prosperou. Ao contrário, em 2018, Augusto, um dos idealizadores do grupo “Rolimã das Gerais”, viu seu carrinho alegórico, em formato de tanque, ser hostilizado pelos próprios organizadores da sétima edição do “Mundialito de Rolimã do Abacate”. Essa não foi a única, tampouco a maior, divergência entre agremiações de rolimã da RMBH. A equipe “Brutos do Rolimã”, por exemplo, foi criada a partir de uma divergência entre organizadores da equipe “Loucomotiva”. Seguramente, a mais impactante cisão no movimento foi a criação do grupo “Rolimã BH Minas”. A partir dessa nova agremiação, equipes, eventos e pessoas tiveram que fazer escolhas e se partidarizar. Por ser um outsider, com intenções acadêmicas, eu era uma das poucas pessoas com trânsito livre dentro desses dois grupos.

O “Mundialito de Rolimã do Abacate”, por ser um evento anual, com edições suspensas nos anos 2020 e 2021, não fez parte dos registros de campo desta pesquisa. Dessa forma, opto por apresentar a seguir apenas os contextos e eventos organizados pelos grupos “Rolimã das Gerais” e “Rolimã BH Minas”. A ênfase dada no texto a seguir é voltada para três aspectos estruturantes da prática do rolimã na RMBH: a participação das mulheres nos eventos, as disputas territoriais destes grupos com os

ordenamentos do Estado e do Capital e a busca por legitimidade de uma prática marginalizada.

Tem mulher no “rolê”

Como descrito anteriormente, os “encontros”, “rolês”, “corujões” e “gp’s”⁴ de rolimã da RMBH possuem dinâmicas e propósitos bastante distintivos. Por isso, as pessoas que participam desses eventos também se diferenciam em inúmeros aspectos. Há pilotos que frequentam apenas “rolês”, treinos preparatórios e “gp’s” em locais ermos, com pistas longas e íngremes. Por outro lado, existem famílias que participam apenas de alguns “encontros” realizados na região centro-sul de Belo Horizonte, com pistas suaves e curtas. Entretanto, seria temerário afirmar que a caracterização de tais públicos seja determinada apenas pelo formato e/ou localidade dos eventos. Questões sociais, econômicas, étnico-raciais, de gênero, entre outras, certamente influenciam e conformam tais quóruns. Nesse sentido, avalio que o engajamento e as formas de participação das mulheres em tais eventos constituem alguns dos aspectos mais relevantes a serem analisados.

Nos eventos realizados em locais longínquos, como os rolês; de madrugada, como os corujões, ou com propósito competitivo, como os gp’s, a presença de mulheres é sempre menor ou inexistente. No entanto, Neusa (48 anos) é uma exceção a essa regra, pois participa frequentemente de tais eventos, mesmo sendo, na maioria das vezes, a única mulher entre os homens. Apesar de ter se legitimado entre os pilotos de competições e enfrentado ladeiras extremamente desafiadoras (ex.: Morro do Cavalo Doido, com 3km em declive), Neusa não é reconhecida como uma piloto competitiva. Isso fica evidente quando os eventos de rolimã são repercutidos em grupos de mensagem e algum homem tenta tripudiar com outro, dizendo que “fulano perdeu até pra Neusa”. Tais comentários são feitos em ambientes onde há pouco espaço para discussão de comportamentos machistas e, por conseguinte, alguns homens sentem seguros para perpetrar condutas sexistas. Vale ressaltar que tais atitudes são mais

⁴ Em uma caracterização sintética desses eventos de rolimã, posso afirmar que “encontros” são eventos lúdicos, realizados em pontos turísticos da cidade, para pessoas de todas as idades e níveis de experiência. Os “rolês” são eventos mais restritos, em locais ermos e trechos em alto declive, marcadamente voltado ao público de homens adultos com grande experiência e que funcionam como uma espécie de treino para os campeonatos. Os “corujões” são similares aos “rolês”, porém feitos à noite e de madrugada. Por fim, os “gp’s”, da expressão “Grande Prêmio”, são campeonatos organizados pelas agremiações e equipes de rolimã. Nesses eventos, apesar de terem categorias masculinas, femininas e infantil, tem um público participante majoritariamente adulto e masculino.

recorrentes em grupos cuja prática do rolimã tem um viés competitivo. Comportamentos similares podem ser observados em práticas como o skate de rua que possui, assim como o rolimã, uma presença predominante histórica de homens. Além da violência simbólica, Figueira e Goellner (2009) afirmam que a invisibilidade das mulheres nessa prática é resultado não de sua ausência nesse esporte, mas, fundamentalmente, da construção de uma rede discursiva que as posiciona nas margens, seja no passado, seja no presente.

No entanto, ao enfrentar desafios físicos (ladeiras íngremes) e também simbólicos (comentários pejorativos) Neusa conquista para si acesso a lugares e experiências que outras mulheres ainda não possuem. Ao fazer isso, de forma intencional ou não, pavimenta um acesso feminino em um ambiente competitivo, onde a prática do rolimã é majoritariamente masculina. Segundo Perrot (2014), historicamente a cidade caracterizou-se pela conquista de espaços de sobrevivência, pela constituição de redes de solidariedade feminina e por uma crescente participação das mulheres na vida pública. Tais conquistas são resultados de lutas coletivas feministas, que se intensificaram desde a última metade do século XX, mas também por ações individuais de mulheres que, historicamente romperam barreiras e superam inúmeros paradigmas excludentes. Do insistente acesso de Simone de Beauvoir à Biblioteca Nacional em Paris, ao inédito bacharelado de Julie Daublié em 1891, Perrot (2014) narra, a partir do contexto parisiense, inúmeros fatos históricos de desconstrução de paradigmas sexistas e expansão de acesso feminino em diversas searas, da política ao esporte moderno.

Para além dessa presença feminina, ainda incipiente, mas simbolicamente importante entre os pilotos dos eventos competitivos, destaco também outras formas de participação das mulheres, que se manifestam de forma silenciosa e perimetral, mas relevante e necessária. Quanto maior o evento, mais valorosa é participação feminina. Além de cuidarem das crianças menores e da alimentação, muitas atuam diretamente na organização do evento, registrando a pontuação das baterias, fazendo a comunicação entre os pontos de largada e chegada e dirigindo os caminhões que levam os pilotos e seus carrinhos até o topo das ladeiras.

A princípio, essas funções podem aludir a condições conhecidas em diversos contextos sociais e históricos, de subserviência da mulher em relação ao homem. No contexto brasileiro, por exemplo, entre os séculos de XIX e XX, as mulheres são investidas de funções como guardiãs do espaço familiar, responsáveis pelo cuidado da casa e da educação dos filhos, onde a rua é tida como local de desvio no

desenvolvimento de uma identidade feminina (Gomes e Gouvêa, 2008). Entretanto, o que o contexto de pesquisa apontou foram relações de poder e agência bem mais complexas do que a cultura do patriarcado que, em nosso país, se revelou outrora.

Além de efetivamente viabilizarem boa parte da logística e organização de alguns eventos, a participação dos homens em “encontros”, “rolês”, “corujões” e “gp’s”, depende quase sempre do consentimento de suas mulheres. Nos grupos de mensagem, quando um homem não comparece a um determinado evento de rolimã, geralmente atribuem tal ausência, em tom jocoso, ao não consentimento de sua companheira. Apesar de isso acontecer em forma de “zoação”, muitas vezes o motivo é exatamente esse, e alguns homens inclusive admitem isso publicamente. Além disso, a abstenção de alguns homens em eventos competitivos, por vezes, acontece de forma consensual. Por julgarem não ser ambientes propícios as suas esposas e filhos, muitos ex-pilotos abandonam o rolimã competitivo para frequentar apenas “encontros” e eventos mais inclusivos, onde crianças e mulheres podem efetivamente usufruir da prática do rolimã.

Sobre esse aspecto, vale destacar o relato de Pardal, um senhor sexagenário, que narrou seu afastamento das pistas de competição, em um dos “encontros” do Mineirão. Naquela noite, o ex-piloto de rolimã estava acompanhado de seus três filhos (um menino de nove, outro de 14 e uma jovem de 17 anos) e esposa. Quando me contou de seu passado como triatleta amador, disse que, no momento e que havia se tornado pai pela primeira vez, as viagens e longos treinos exigidos pela modalidade, passaram, gradativamente, a perder sentido. Após abandonar o Triátlon, resolveu voltar para o Judô, modalidade que havia praticado na infância e adolescência, para promover um engajamento esportivo nos filhos. Chegou a receber um convite de um amigo para fazer *motocross*, mas como se trata de uma modalidade que não incluía a família, resolveu declinar. Sobre o rolimã, não estava atualmente muito presente nos “encontros” e “rolês” de final de semana, pois preferia estar com seus familiares. Naquela noite, seus meninos estavam devidamente trajados com uniformes personalizados de uma equipe de rolimã e com seus respectivos carrinhos. Pardal informou ainda que, além daqueles carrinhos, cada um de seus filhos possuía também uma “nave”, modelo de carrinho utilizado apenas por pilotos de competição.

Na prática do skate, Machado (2013) observa que as relações entre homens e mulheres se revelam de diversas formas, como por exemplo, a ocupação majoritariamente masculina dos obstáculos centrais nas pistas de skate do centro de São Paulo. Apesar disso, o autor afirma que as mulheres não aceitam passivamente esses

lugares marginais em que são colocadas e essa produção discursiva que as representa como inferiores e menos capacitadas. Com efeito, a mobilização feita pelo skate feminino em todo mundo tem surtido efeitos concretos, tal como o anúncio da organização dos X Games – um dos maiores e mais importantes eventos do mundo – que revelou, a partir de 2008, uma premiação equânime para homens e mulheres (Machado, 2013). No rolimã, a primeira impressão que se tem é que os homens são os grandes protagonistas. Porém, o que foi possível perceber em campo, é que esses supostos lugares coadjuvantes ocupados pelas mulheres, conferem a elas, de forma discreta, certa influência e poder neste movimento do rolimã na RMBH.

No entanto, é válido fazer aqui uma ressalva no que diz respeito aos limites e entraves metodológicos revelados em campo, sobre esse aspecto. Na condição de um *outsider* (adulto, do gênero masculino), meu acesso aos sujeitos, locais e práticas apresentadas no contexto de pesquisa não se mostrou dificultado, pois a presença de homens adultos em quase todos os eventos era significativa, ou às vezes, unânime. Entretanto, participar de uma roda de conversa de mulheres ou estabelecer um diálogo mais detido com alguma participante dos eventos era tarefa praticamente proibitiva. O meu acesso a elas se dava em conversas em grupos maiores ou acompanhadas dos maridos e das crianças.

Tal como relatado em Coelho (2011), ao fazer pesquisa *sobre e com* as crianças pataxó, as primeiras lições em campo foram relacionadas às formas mais apropriadas de relacionar com as mulheres da aldeia. Naquele contexto, aprendi que “acompanhar uma mulher casada com os olhos, fazer visitas a sua casa sem a presença do marido ou mesmo transitar a sós com uma mulher pela aldeia” eram atitudes desaconselháveis a um homem, principalmente um “de fora” (Coelho, 2011, p.112). Nos eventos de carrinho de rolimã, procurei assumir um comportamento mais reservado em relação às mulheres, pois a efemeridade do campo não contribuía para construção de relações sólidas o suficiente para uma aproximação segura. Nesse sentido, assumo os limites e as lacunas das análises apresentadas aqui sobre a presença das mulheres nesse movimento, mas entendendo isso como um fator inerente à incompletude do fazer etnográfico.

“No meio da pista tinha um buraco, tinha um buraco no meio da pista”

Tal como as mulheres constroem diferentes formas de acesso e apropriação da/na prática do rolimã, o próprio movimento que se estabelece na última década na

RMBH revela inúmeros enfrentamentos, disputas e restrições impostas pelo ordenamento de órgãos, instituições e agentes urbanos.

Nos “encontros” realizados no Mineirão, isso se revela de forma subliminar. O acesso e uso da esplanada são regulados pela administradora do estádio e, por ser uma concessão de um espaço público⁵, não permite à administradora estabelecer restrições arbitrárias às pessoas e práticas ali desenvolvidas. No entanto, são observáveis algumas formas de resistência e desestímulo ao uso desse lugar. Um exemplo bem evidente disso foi a colocação dos gradis na rampa de acesso, entre os portões C e D do estádio, onde são realizados os “encontros” de rolimã. Eles foram introduzidos em novembro de 2020, com o propósito de gerar um ziguezague na rampa e reduzir a velocidade das bicicletas, patins, skates, carrinhos de rolimã e demais práticas que ali se desenvolvem. Segundo alguns frequentadores dos “encontros” de rolimã, essa interferência havia sido motivada por um acidente grave ocorrido com um ciclista que descia a rampa em alta velocidade. Apesar de a intenção ser plausível, para os “encontros” de rolimã, tal intervenção se mostrou contraditória, pois o ziguezague obrigatório estabelecido pelo desenho arbitrário das grades trouxe uma imprevisibilidade maior no trajeto dos carrinhos e isso aumentou a chance de colisão entre eles durante as descidas.

Além disso, os gradis impossibilitaram que as pessoas executassem o rito de subida com os carrinhos de forma enfileirada, no canto esquerdo da pista. Consequentemente, os fluxos de subidas e descidas passaram a se interpor no trajeto sinuoso dos gradis, deixando a dinâmica dos “encontros” caótica e aflitiva. Essa intervenção também impactou no número de pessoas durante as descidas, que foi reduzido para se adequar a limitação imposta ao espaço. Os integrantes das equipes se mostraram indignados com essas mudanças e as reações foram diversas. Em um primeiro momento, houve tentativas de burlas, empurrando-se as grades, para abrir espaços no centro da pista, mas a reação dos seguranças da esplanada foi imediata, no

⁵ Segundo o site do governo do Estado de Minas Gerais, a Parceria Público Privada (PPP) do Mineirão foi celebrada em 2010, entre o Núcleo Gestor das Copas, a Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão (Seplog) e a Concessionária Minas Arena Gestão de Instalações Esportivas S.A. A concessão previa a operação e manutenção do Complexo do Mineirão, precedida de obras de reforma e adequação do Estádio Governador Magalhães Pinto, com o objetivo inicial de preparar o espaço para ser uma das sedes da Copa do Mundo de 2014 e vigência contratual de 27 anos. As principais obrigações da Concessionária envolvem a garantia de condições de acesso, circulação e segurança, promoção e supervisão de atividades artísticas, musicais e esportivas, além de melhoria da visibilidade do gramado, modernização de vestiários, banheiros, assentos, estacionamentos e áreas comuns. A remuneração recebida pela concessionária está diretamente ligada ao padrão dos serviços oferecidos para a gestão e manutenção do estádio. Acesso em 27/06/2022, pelo site <http://www.ppp.mg.gov.br/projetos/contratos-assinados/mineirao>

sentido de reorganizar a estrutura e advertir algumas pessoas⁶. Alguns integrantes das equipes de rolimã chegaram a cogitar a possibilidade de formalizar uma reclamação junto à administradora do estádio. Outros, em tom de renúncia, ameaçavam não retornar mais ao Mineirão. Neuza, uma assídua participante dos “encontros”, desabafou: “eu não gosto de descidinha não, eu gosto de corrida. O Mineirão acabou!”

Desde as alamedas e bulevares parisienses de Haussmann e da reurbanização nova-iorquina de Moses, a concepção do desenho urbano revela uma profunda desconsideração dos usos e demandas da população em geral, em prol da associação de interesses do Estado e do Capital (Harvey, 2008). Não há interesse econômico da empresa que administra o estádio do Mineirão neste tipo de uso de sua esplanada, pois a entrada é gratuita e não há comercialização ostensiva de produtos ao público que a frequenta. Dessa forma, as restrições e regras imperativas impostas ao espaço são algumas das estratégias utilizadas para desestimular o uso não faturado deste aparelho público de lazer.

Outra reclamação recorrente dos frequentadores dos “encontros” de rolimã no Mineirão são os buracos da pista, localizados especificamente em um trecho de curva da rampa. Essa falha no piso estava presente desde o início dos trabalhos de campo e, segundo as pessoas mais antigas nesses “encontros”, esse problema já se fazia presente há muito tempo. Para a prática do rolimã, os buracos, além de causarem quebras nos carrinhos, aumenta o risco de colisão para aqueles que se aventuram transpor a curva pelo estreito trecho que permanece intacto. Essa parte menos acidentada fica localizada próximo ao alambrado e não permite que dois carrinhos passem por ali simultaneamente e isso torna aquele local o mais propício a acidentes.

Algumas intervenções na paisagem urbana podem dificultar ou promover determinados usos dos lugares da cidade. No sentido oposto ao que se vê no Mineirão, Machado (2012) relata que a substituição do tradicional piso de calçada portuguesa por uma superfície lisa de concreto, transformou a Avenida Paulista em um dos locais mais frequentados por skatistas na capital paulista.

Alguns integrantes das equipes e agremiações que frequentam os “encontros” do Mineirão entendem que a falta de manutenção naquele trecho esburacado da pista não seja consequência da ausência de recursos por parte da administradora do estádio, mas

⁶ É válido ressaltar que, mesmo não estando no local durante todo o período dos encontros, os seguranças são sempre acionados pela guarnição que fica observando pelas câmeras de vigilância. Munidos de rádios comunicadores e quadriciclos, a patrulha sempre se apresenta de forma ágil quando algo parece sair do normal.

um desleixo intencional, no sentido de dissuadir os grupos que se encontram e utilizam aquele trecho da esplanada. Vale lembrar que, no contrato de concessão administrativa firmado entre o Estado de Minas Gerais, por meio da Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão (SEPLAG) e a empresa Minas Arena (Gestão De Instalações Esportivas S.A) estão previstas, no capítulo IV, cláusula 12ª, inciso 12.3. alínea t), as seguintes obrigações da administradora do estádio:

manter e conservar todos os bens, equipamentos e instalações empregados na CONCESSÃO ADMINISTRATIVA em perfeitas condições de funcionamento, bem como reparar suas unidades e promover, oportunamente, as substituições demandadas em função do desgaste ou superação tecnológica, ou ainda promover os reparos ou modernizações necessários à boa execução e à preservação da adequação das atividades e serviços, conforme determinado neste CONTRATO (Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão, 2010, p. 15).

Isso significa que, intencional ou não, a longa permanência desses buracos na esplanada do estádio viola os termos contratuais firmados entre o Estado e a empresa contratada e os direitos dos usuários daquele espaço público. Segundo Lefebvre (2008, p.99), “Estado e Empresa, apesar de suas diferenças e às vezes de seus conflitos, convergem para a segregação”. No contexto em questão, os descumprimentos dos termos contratuais somado a uma inexistente fiscalização conformam um processo bem coordenado de gentrificação, onde a população, sobretudo a de baixa renda, não tem sua apropriação do espaço reconhecida e este aparelho público de lazer passa a ser majoritariamente utilizado para grandes eventos com generosos retornos econômicos para iniciativa privada.

Para além desse tensionamento entre os praticantes de rolimã e os funcionários de uma parceria público-privada, há de se destacar também a relação controversa que o movimento do rolimã estabelece com os agentes da segurança pública da cidade. Muitos pilotos das equipes de rolimã frequentam os “encontros” de rolimã do Mineirão, sobretudo para participar da “resenha”. Essa conversa acalorada que acontece no topo da pista por onde descem os carrinhos é alimentada por histórias experimentadas em outros “encontros”, “rolês”, “corujões” e “gp’s”. Os eventos que mais rendem histórias são os “corujões”. Por terem uma característica itinerante, em diversas ruas e avenidas da cidade, e acontecerem tarde da noite, esse eventos já produziram muitos acontecimentos inusitados, como tombos, contendas com moradores e repreendas de policiais. Essa relação com a polícia é bastante contraditória, pois ao mesmo tempo em

que gera ameaças, advertências e multas, em algumas oportunidades, foi capaz de produzir concessões e relações de empatia.

Os corujões da Av. Américo Vespúcio elucidam bem essa relação. No início dessa via está situado o 34º Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais, exatamente onde os carrinhos costumam iniciar suas descidas. Quando os “corujões” começaram a acontecer naquele local, houve resistência por parte de alguns agentes da polícia militar. As advertências ocorriam em função do barulho causado pelos carrinhos aos moradores locais, mas também pelas possíveis infrações de trânsito cometidas pelas equipes no traslado de carrinhos e pilotos pelos carros de apoio⁷. Com o passar do tempo, os frequentadores mais assíduos desses “corujões” criaram uma relação de proximidade com os policiais, que lhes garantiu um pleno acesso e uso daquela via para a prática do rolimã. Essa concessão se constituiu de forma laboriosa e demandou tempo e assertividade por parte dos pilotos. Porém, se isso foi possível naquele contexto, o consentimento e a empatia do poder público não é a regra que se repete em outros lugares da cidade.

Entre o “espaço concebido” e o “espaço percebido”, emerge o que Lefebvre (2008) compreende como “espaço vivido”, que é o resultado dessa equação complexa que confere às cidades contemporâneas ordenamentos e burlas, planejamento e improvisado, conflitos e conchavos. É nessa perspectiva que o referido autor transcende a noção de cidade enquanto espaço físico e a concebe enquanto um direito a ser requerido, sobretudo pela classe operária.

“Aqui é o meu futebol”

Esse lugar/tempo⁸ marginal em que a cidade frequentemente coloca a prática do rolimã repercute de diversas formas nas pessoas que constituem esse movimento. A criação de grupos e equipes de rolimã promove um fortalecimento identitário entre os entusiastas dessa prática que, apesar de polissêmica e multifacetada, alimenta um desejo comum na busca por legitimidade e reconhecimento.

⁷ Por se tratar de descidas mais longas, utiliza-se um carro para rebocar as pessoas em seus carrinhos até o topo das ladeiras. Esse tipo de “reboque” improvisado pode implicar em algumas infrações de trânsito ao condutor do veículo que faz esse apoio ao grupo.

⁸ Em alguns momentos o tempo é marginal, os corujões, por exemplo, precisam ser feitos de madrugada para se ocupar as ruas que ficam movimentadas durante o dia. Por outro lado, o lugar também é marginalizado, como no caso dos GP’s e rolês, feitos durante o dia, mas em locais ermos e afastados.

Uma das formas mais recorrentes que tais grupos adotam para divulgar a prática do rolimã é o registro de fotografias e vídeos nos “encontros”, “rolês”, “corujões” e “gp’s”. Essa produção imagética é feita de maneira intencional e passa por processos que vão desde a aquisição de equipamentos próprios (ex.: câmeras de ação, que são afixadas nos capacetes dos pilotos), o registro propriamente dito, a edição (existem fotógrafos profissionais e até um repórter cinematográfico nos grupos de rolimã) e a divulgação nas redes sociais. Nos grupos de mensagens, foram compartilhadas, apenas no primeiro semestre de 2022, mais de 2.049 arquivos de mídia no grupo “Rolimã BH Minas” e 583 no “Rolimã das Gerais”. Em fevereiro desse mesmo ano, houve uma longa discussão entre os integrantes do grupo “Rolimã BH Minas” sobre as estratégias que poderiam ser adotadas para se promover um aumento no número de adeptos à prática do rolimã. Inúmeras ações foram sugeridas, alguns posicionamentos divergentes emanaram, mas uma autocrítica feita por Leandro e reconhecida de forma unânime foi a necessidade de se ampliar os registros e divulgações de filmagens durante os eventos.

O desejo de legitimação e reconhecimento une pessoas, equipes e grupos, mesmo entre aqueles que se rivalizam dentro do movimento do rolimã. Isso fica evidenciado quando surgem oportunidades de participação em eventos com grande repercussão midiática. Os dois maiores grupos de rolimã da RMBH, “Rolimã das Gerais” e “Rolimã BH Minas” já participaram de inúmeros eventos noticiados em mídias impressas, digitais, radiofônicas e televisivas. Ao longo dessa última década, esses grupos se distanciaram nos propósitos e maneiras de promoção dessa prática, mas dependendo da repercussão, é possível vê-los participando de um mesmo evento em prol da divulgação do rolimã. Isso ocorreu algumas vezes nas edições do “Mundialito de Rolimã do Abacate”, no bairro Salgado Filho em Belo Horizonte; na primeira etapa da “Copa Sudeste de Rolimã”, em junho de 2022, no morro do “Cavalo Doido” em Brumadinho; e, pela primeira vez, em julho de 2022, em um evento denominado “Bop Games”. Esse último reuniu competições de mais de 20 modalidades esportivas na esplanada do estádio do Mineirão. O carrinho de rolimã foi introduzido nesse evento como “oficina esportiva”. Isso significa que, ao contrário das demais práticas, o rolimã não foi ofertado em formato competitivo, mas experimental, para que as pessoas pudessem ter seus primeiros contatos com a prática.

No grupo “Rolimã BH Minas”, a busca por repercussão midiática se soma a um desejo de aproximação e reconhecimento do rolimã enquanto prática esportiva. A Federação Mineira de Carrinho de Rolimã (FEMCAR), apesar de não possuir registro

legal como federação esportiva⁹, é uma iniciativa paralela dos organizadores desse grupo em questão, com perfil próprio nas redes sociais, e com intuito de se criar uma entidade representativa da prática do rolimã. Ainda que juridicamente a FEMCAR não exista, suas ações se materializam na criação de eventos competitivos, definição de regulamentos, categorias e padrões para confecção de carrinhos. A transformação de jogos e brincadeiras em práticas esportivas é um fenômeno recorrentemente observado no período pós-moderno. Sobre isso, Ariès (1981, p.124) destaca que “na Inglaterra os fidalgos não abandonaram, como na França, os velhos jogos, mas transformaram-nos, e foi sob formas modernas e irreconhecíveis que esses jogos foram adotados pela burguesia e pelo “esporte” do século XIX”.

Essa busca intencional de associação da prática do rolimã à noção de esporte alude aos conceitos de “estratégia” e “tática” de Certeau (1998) nas relações de consumo. Como visto anteriormente, o esporte moderno é a prática lúdica dominante desde o século XIX, pois atende às diversas estratégias de consumo colocadas pelo capital, da padronização de regras e universalização das práticas às infinitas possibilidades de produção de bens de consumo. Apesar de tais relações estratégicas de dominação e consumo, Certeau (1998) destaca que nós, potenciais consumidores, não agimos de forma passiva e lançamos mão de algumas “táticas” de sobrevivência. Diante da lógica insuperável e predominante do esporte, o que os praticantes de rolimã fazem é se travestir de esportistas. Apesar de existir um evidente esforço de padronização de regras por parte dos entusiastas da prática competitiva do rolimã, não me arrisco a afirmar que isso representa categoricamente um rompimento com uma prática, outrora denominada de brincadeira, para assunção de um novo esporte. A organização de campeonatos, a definição de categorias, a formação de equipes e a busca por uma repercussão midiática endossam as “táticas” (Certeau, 1998) de um coletivo em busca da legitimação de uma prática que constantemente é colocada às margens da sociedade.

Outro dado que endossa essa tese é a síntese feita por Renato, piloto da equipe Sapolândia, para explicar sua relação com os “encontros” do Mineirão: “aqui é o meu futebol, toda terça eu tô aqui”. A comparação especificamente do rolimã com o futebol não é gratuita. Segundo DaMatta (1982) o sucesso do futebol entre nós, se deve ao fato desta prática moderna servir como privilegiado instrumento de dramatização de muitos

⁹ As Federações Esportivas constituem-se na forma de associações, pela união de pessoas, clubes ou entidades esportivas que se organizam para fins não econômicos classificando-se portanto, como pessoas jurídicas de direito privado, nos termos dos artigos 44 e 53 do Código Civil de 2002.

aspectos da sociedade brasileira, permitindo expressar uma série de problemas nacionais, alternando a percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos. Além de ser um esporte amplamente praticado em nosso país, é exaltado a ponto do brasileiro esquecer sua origem inglesa e afirmar no dito popular “que no Brasil só existem três coisas sérias: a cachaça, o jogo do bicho e o futebol” (DaMatta, 1994, p.10)¹⁰.

Ao comparar o rolimã com um símbolo nacional, Renato confere legitimidade a uma prática recorrentemente marginalizada na dinâmica urbana. Além disso, a prática futebolística no Brasil carrega consigo um simbolismo bastante particular em relação às demais atividades de lazer, influenciado por um viés competitivo que denota comprometimento e seriedade. Ao estudar o futebol de veteranos em espaços públicos da cidade de Porto Alegre, Stigger (1997) afirma que o jogo em si é bastante sério e muito voltado para a busca de vitórias, o que determina em muito as características do grupo que o pratica. Mesmo estando em seu tempo livre, o grupo de veteranos pratica um futebol cuja lógica se aproxima bastante do que é propalado pelo esporte de alto rendimento (Stigger, 1997). Essa noção de “lazer sério” é amplamente explorada pelo sociólogo canadense Robert Stebbins, que o define como uma prática sistemática de amadores, hobistas ou voluntários que os lança em uma carreira de lazer centrada na aquisição e expressão de uma combinação de habilidades especiais, conhecimento e experiência (Stebbins, 2008). Nesse sentido, associar o rolimã ao futebol é, em última instância, uma tentativa de aproximá-lo da prática de lazer no contexto brasileiro que mais se aproxima da noção de trabalho. Tais estratégias podem ser verificadas também entre outros grupos e práticas cidadinas.

Entre os skatistas da cidade de São Paulo, Machado (2012) identificou outras táticas de legitimação da prática do *street skate*¹¹, associando-a a dimensão do trabalho. Segundo o autor, quando são interpelados por seguranças ou guardas municipais, em locais onde a prática do skate é proibida, utilizam as câmeras e filmadoras como argumento para justificar que não estão ali “só de brincadeira”, mas fazendo “um serviço”, ou seja, produzindo filmagens para revistas especializadas de skate. Nesse caso, a associação explícita do skate ao trabalho remonta a uma construção ideológica predominante na prática social capitalista que supervaloriza o trabalho, pois o trata

¹⁰ Vale ressaltar que a cachaça e o jogo do bicho são “produtos” originalmente brasileiros e o futebol não.

¹¹ Segundo Machado (2012) o *street skate* é uma modalidade onde os skatistas percorrem trechos da cidade à procura de equipamentos urbanos como bancos, corrimãos, escadas canteiros, entre outros, para realizar suas manobras.

como elemento definidor das identidades e dos papéis assumidos na sociedade, sendo o denominador comum das pessoas (Werneck, 1998).

Dessa forma, aproximar o rolimã às noções de “lazer sério” ou “trabalho” e atribuir a tal prática o status de “esporte” não é uma forma de descaracterizá-la, mas uma “tática” (Certeau, 1998) encontrada pelos adultos que “brincam”, “andam” e “pilotam”¹² seus carrinhos de rolimã, para evitar constrangimentos e pré-julgamentos de uma sociedade capitalista e adultocêntrica, que sistematicamente distancia o brincar da vida adulta.

Considerações finais

Neste texto, coloquei em relevo três aspectos estruturantes na relação entre o movimento do rolimã e o contexto urbano da RMBH. A análise feita sobre a participação das mulheres sugere que tais contextos (a cidade e o movimento do rolimã) ainda se revelam sexistas e machistas. Entretanto, as relações de poder e agência das mulheres no movimento do rolimã se mostraram bem mais complexas do que a cultura do patriarcado que, em nosso país, se fez dominante outrora. Do mesmo modo, a busca de legitimidade desta prática, marginalizada pela sociedade, deslindou algumas táticas bem coordenadas de seus praticantes frente às estratégias de dominação e consumo da lógica esportivista contemporânea. Por fim, as disputas das agremiações e equipes de rolimã com os ordenamentos do Capital e do Estado revelaram que a cidade, enquanto espaço vivido, é resultado de uma equação complexa com elementos de ordenamentos e burlas, planejamento e improviso, conflitos e conchavos. Nesta perspectiva é preciso superar a noção de cidade enquanto espaço físico e estático e concebê-la enquanto um direito a ser requerido, sobretudo pela classe trabalhadora.

¹² Essas terminologias nativas são endereçadas à prática do rolimã com o intuito de estabelecer distinções. O termo “brincar” é utilizado quando não se pretende estabelecer qualquer tipo de competição entre os praticantes em um determinado momento “bora descer, só pra brincar um pouco?”. “Andar” é um termo mais genérico que se estabelece em diversos contextos. “Pilotar” é uma tarefa muito específica, utilizada para situações em que os praticantes chegam a ultrapassar os 100 km/h em seus carrinhos.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara, 1981.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Petropolis: Vozes, 1998.

COELHO, Luciano S. **Riscando o asfalto: disputa, participação e aprendizagem no rolimã**. 2022. 163 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/48844/1/COELHO_2022_%28TESE%29.pdf Acesso em: 22 jun. 2023.

DA MATTA, Roberto. **Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro**. Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, p. 19-42, 1982. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/60601441/damattauniversoaula20190915-30619-qikixr.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2022.

DA MATTA, Roberto. Antropologia do óbvio-Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, n. 22, p. 10-17, 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/26954/28732>. Acesso em: 03 ago. 2022.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas. v.30, n.3, p.95-110, 2009. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/254v> Acesso em: 29 jul. 2022.

GOMES, Ana Maria Rabelo; GOUVEA, Maria. Cristina Soares. A criança e a cidade: entre a sedução e o perigo. *In*: DEBORTOLI, J. A.; MARTINS, M. F. A.; MARTINS, S. (orgs.). **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 47-69.

HARVEY, David. The right to the city: New Left Review (2008). In: **The City Reader**. Routledge, 2020. p. 281-289.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 2015.

LAVE, Jean. Aprendizagem como/na prática. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, n. 44, p. 37-47, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832015000200003>. Acesso em: 15 mai. 2020

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2008.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. Skate na cidade, imagens da cidade: notas etnográficas sobre a conquista de picos. **Ponto Urbe [Online]**, [s. l.], ano 2012, v. 10, p. 1-18, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.305>. Acesso em: 22 jul. 2022.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. As mulheres e o “carrinho”: gênero e corporalidade entre as skatistas. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**: desafios atuais dos feminismos, Florianópolis, ano 2013, v. 10, p. 1-11, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1385055574_ARQUIVO_GiancarloMarquesCarraroMachado.pdf. Acesso em: 22 jul. 2022.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, p. 11-29, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>. Acesso em: 15 fev. 2022.

PERROT, Michelle. O gênero da cidade. **História e Perspectivas**, Uberlândia (50), p. 23-44, 2014. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/historia_perspectivas/article/download/27517/15092/108279. Acesso em: 21 jun. 2022.

SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO (MG). ESTADO DE MINAS GERAIS. EDITAL DE CONCORRÊNCIA N° 02/2010 - SEPLAG. [Operação

e manutenção, precedida de obras de reforma, renovação e adequação do COMPLEXO DO MINEIRÃO]. **Contrato de Concessão Administrativa**: órgão oficial do estado, Belo Horizonte, p. 1-72, 21 dez. 2010. Disponível em: <https://www.compras.mg.gov.br/images/stories/arquivoslicitacoes/2017/SEPLAG/06.02.2017/edital-de-licitacao-do-novo-verificador-independente-retificado.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2022.

STEBBINS, Robert. **Serious Leisure**: a perspective for our time. New Jersey: Transaction, 2008.

STIGGER, Marco Paulo. Futebol de Veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Movimento**, Porto Alegre, v. 7, 1997. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19272/000207739.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 ago. 2022.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. Lazer, trabalho e qualidade de vida. *In: Congresso de Educação Física e Ciências do Deporte dos Países de Língua Portuguesa*. 1998. Disponível em: <http://www.clubedarecreacao.com.br/wp-content/uploads/2014/05/008-Artigo-WERNECK-Lazer-Trabalho-e-Qualidade-de-Vida.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2022.